



# ENSAIOS EM PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA OU LÍNGUA ESTRANGEIRA

*Papers in Portuguese  
as a second or foreign language*

“5X favela - Agora por nós mesmos”:  
uma visão crítica na seleção dos  
matérias didáticos de PLE2 –  
como desenvolver a competência  
intercultural em sala de aula

Irma Caputo

**“5X favela - Agora por nós mesmos”: uma visão crítica na seleção dos materiais didáticos de PLE2 - como desenvolver a competência intercultural em sala de aula**

Irma Caputo

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo analisar a importância da escolha dos materiais didáticos para o ensino do português como língua estrangeira levando em consideração os aspectos culturais do país. Para tal, veremos como se dá esse processo tendo como proposta de *input* o filme “5X favela - Agora por nós mesmos”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Português PL2E; ensino de línguas, aspectos culturais; material didático; *5 vezes favela*.

**“5X favela – Agora por nós mesmos”: a critical view in the selection of pedagogical material for PLE2 – how to develop intercultural competence in the classroom**

**ABSTRACT:** This article aims at analyzing the relevance of considering the cultural aspects of a society when selecting pedagogical material for the teaching of Portuguese as a foreign language. In the case, it will be possible to identify this process having the film “5X favela - Agora por nós mesmos” as an input.

**KEYWORDS:** Portuguese as second foreign language; language teaching; cultural aspects; pedagogical material; *5 vezes favela*.

O presente artigo, através de algumas teorias dos estudos culturais, tentará salientar a importância dos aspectos abrangentes aos mesmos no ensino do português para estrangeiros (PL2E). Será analisada uma possível proposta de *input* a ser didatizada para introduzir algumas reflexões em sala de aula que possam melhorar a comunicação intercultural baseadas nos conceitos de *power distance*, *indulgence*, *uncertainty avoidance*, *casa e rua*, *jeitinho* etc. O *input* escolhido é a quinta parte do filme “5 X favela - Agora por nós mesmos” (2010)<sup>1</sup>; o filme é um conjunto de 5 curtas-metragens que abordam vários aspectos da vida social carioca, constituindo uma boa base de reflexão cultural para os estrangeiros.

---

<sup>1</sup> Cacau Amaral, Cadu Barcelos, Luciana Bezerra, Manaira Cerneiro, Rodrigo Felha, Wagner Novais, Luciano Vidiga.

Rosa Marina Meyer realça que “no ensino de português como segunda língua para estrangeiros (PL2E), cada vez mais toma-se a consciência de que, além das questões estritamente linguísticas, verbais e gramaticais são hoje as questões culturais — e mais do que isto, os aspectos interculturais — que necessitam de identificação, observação, pesquisa e análise” (2011:13). A pesquisadora continua afirmando a importância de uma produção linguística culturalmente adequada ao contexto, pois uma fala inapropriada pode causar muito mais desentendimentos culturais do que um verbo conjugado erroneamente. Esse tipo de enfoque não deixa de lado a forma, mas é evidente que conhecer perfeitamente os tempos e modos verbais não ajuda necessariamente o aprendiz a decifrar a situação correta em que deve utilizá-los junto a outras funções linguísticas. Será, por exemplo, que no contexto cultural brasileiro sempre que estou dando ordens posso utilizar o imperativo? Isso funciona? Pergunta retórica, pois dentro de uma cultura da indiretividade (BROWN&LEWINSON, 1998) é sempre melhor evitar tudo o que pode soar como seco e duro, interferindo sensivelmente na forma como o interlocutor perceberá a mensagem. O imperativo, portanto, em contexto cultural brasileiro seria inadequado (a nível interacional e cultural), pois as pessoas costumam ser indiretas e pedir as coisas sempre de forma extremamente carinhosa e gentil, em alguns casos até exagerando nos cuidados. Lembra-se a tal propósito a pesquisa de Viviane Bousada, “Aspectos interacionais e culturais da ordem no ensino do português como segunda língua para estrangeiros (PL2E) em ambiente militar” (2016). A professora de PLE2 investigou a forma de dar ordens em ambiente militar e, para grande surpresa do imaginário coletivo, que vê o ambiente militar como extremamente direto e rigoroso, os dados demonstraram que também nesse meio as ordens são dadas de forma indireta, isso conforme os aspectos culturais da sociedade brasileira. Trata-se de militares, mas dentro de um contexto cultural específico, no qual evitar situações de conflito e não ferir a dignidade do outro são elementos relacionais importantes. Claro que todos os aspectos linguísticos e interacionais arraigam suas bases em questões culturais: as crenças de um povo, os hábitos e a moral decidem e determinam o uso da língua, espelho muitas vezes dos aspectos culturais menos à vista numa sociedade.

Na direção de um ensino da língua que leva em alta conta os aspectos culturais, a escolha do material acaba sendo fundamental. A quinta parte do filme “5 X favela - Agora por nós mesmos” parece se prestar perfeitamente ao objetivo de

planejar uma aula linguística baseada em aspectos culturais e que estimule a reflexão intercultural. Isso porque o filme:

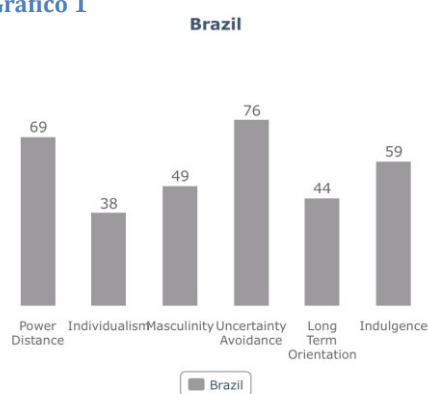
- É caracterizado por uma fala autêntica, se bem com algumas marcas diatópicas (a favela e o Rio de Janeiro) e diastráticas (das classes sociais mais pobres);
- É ambientado durante uma festividade, portanto há elementos de reflexão também sobre tradições e hábitos festivos;
- Permite abordar de uma forma reflexiva os conceitos de *casa e rua* (DA MATTA, 1997), jeitinho brasileiro (DA MATTA, 1997 e BARBOSA, 2006 ), a baixa tolerância às incertezas, a distância de poder, o coletivismo, a indulgência (HOFSTEDE, 1980) e a ideia de que os brasileiros sejam um povo multi-ativo (LEWISS, 2006).

Em última análise, esse filme, por ser ambientado em uma favela, trabalha com a desconstrução de alguns estereótipos, como por exemplo - a favela é cheia de criminosos - e confirma algumas generalizações necessárias para se programar na comunicação cultural com um povo (PETERSON, 2004), tais como a cordialidade do povo brasileiro, sua tendência coletivista e a capacidade de fazer virar tudo uma festa, até nas situações impensáveis para outros contextos culturais. Lembre-se que o estereótipo é negativo, pois generaliza um comportamento único e não usual dentro de uma cultura atribuindo-o a todos, enquanto a generalização baseia-se na observação de comportamentos reiterados por uma grande parte dos membros de uma dada sociedade, podendo ser aplicada a todos como forma de entender algumas características de um grupo cultural específico.

O curta-metragem conta em 24 minutos um Natal dentro de uma favela da Zona Sul do Rio de Janeiro. No momento de maior fermento para a preparação da festa, uma pequena área da favela, a 314, fica sem eletricidade, trazendo o pânico entre os moradores, sem gelo para a cervejinha, com as saladas de maionese estragando e sem possibilidade de arrumar direitinho o cabelo com secador e pranchinha. Tudo o que poderia ser tolerado em outros dias, no Natal parece mesmo impossível de se suportar. Alguns técnicos maldispostos da distribuidora de energia elétrica vão embora deixando o trabalho para alguém de boa vontade, o Lopes. Esse

último, ao chegar na favela, se dá conta de que ninguém havia lhe dito que para consertar o dano precisaria de uma peça específica. Os moradores, cansados, começam a xingá-lo, no entanto o outro técnico que deveria ajudá-lo, à espera na entrada do morro, decide ir embora sem trazer a peça necessária. Entre um xingamento e uma briga, o único técnico que trabalha decide fazer um gato com outras quadras da favela para deixar os moradores da comunidade em uma situação agradável para o Natal. Assim, feito herói, ele torna-se logo convidado de honra, curtindo junto aos moradores da comunidade o momento de festa em um clima de

Gráfico 1



hilaridade e alegria. Como a luz volta só na pracinha principal da quadra, todos acabam passando o Natal juntos compartilhando comida, bebida e risadas.

Esse curta permite trabalhar em sala de aula, por meio de várias atividades didáticas, muitos conceitos que podem ajudar a interação cultural, uma vez que o aprendizado de uma língua tem como principal objetivo o de colocar

as pessoas em comunicação.

Geert Hofstede, um dos interculturalistas que se ocupa desde 1980, através da coleta de dados, em definir algumas características específicas de várias culturas, sintetizou cinco dimensões em que podem ser resumidos os traços principais de um povo (gráfico1).

A primeira dimensão, *power distance*, mede o grau de aceitabilidade e incorporação da hierarquia dentro de uma dada sociedade; a segunda, *individualism*, mede o quanto os indivíduos em uma sociedade são orientados para o grupo ou para si mesmos; a terceira, *masculinity*, define o quanto uma sociedade é orientada para o trabalho e o sucesso; a quarta, *uncertainty avoidance*, define a capacidade de uma dada cultura de lidar com as incertezas; a *long term orientation* define o quanto um povo está projetado para o futuro, a mudança e o progresso; a quinta dimensão, *indulgence*, mede o grau de expressão de desejos e paixões.

Analisaremos criticamente algumas dimensões culturais do Brasil que aparecem de forma evidente no filme utilizado como *input* didático.

Quando o estudioso fala de *power distance*, entende por esse conceito a ideia de que os detentores do poder têm direito a mais benefícios com relação aos que

*detêm menos poder na sociedade* (tradução minha do site sem numeração de página). Por detentores do poder entende-se a classe dominante, eventualmente com poder aquisitivo, e os outros seriam representados pela classe subalterna, os mais pobres. Segundo as estatísticas de Hofstede, o Brasil alcança uma percentagem de 69%, o que é bem indicativo do tipo de sociedade: as relações de domínio são perpetradas e geralmente a hierarquia é respeitada e mantida, ela está entranhada em qualquer situação social. Às vezes essa hierarquia não se desvela tão facilmente, porque, por ser o Brasil um país que atenua os conflitos sob uma pátina de igualdade social, ela nem sempre fica visível. É suficiente pensar no uso difuso do pronome *você* para todo o mundo, que tem a força de um grande equalizador social. O fato de o Brasil manter bem arraigada a hierarquia e a convicção de que quem tem mais poder tem direito a mais benefícios materializa-se no comportamento de três personagens. Os primeiros dois técnicos da distribuidora decidem ir embora apesar de o trabalho não ter sido terminado e adotam essa atitude de forma consciente. Eles não se importam se os moradores da favela ficarão sem luz no Natal, pois não pertencem àquela faixa social que detém o poder e portanto o acesso aos benefícios. Eventualmente, os técnicos não parecem estar tão preocupados porque não existe nenhuma lei para tutelar o direito da classe contra a qual eles estão agindo. O terceiro representante que encarna esse percentual de 69% é o outro técnico que chega junto com Lopes. Supostamente, ele deveria ter ajudado o seu colega indo buscar a peça necessária para a resolução do problema, mas a esse pedido, ele responderá “Cara, hoje é Natal”. Dessa forma deixa entender que não quer trabalhar mais, ou seja, ele, no caso, hierarquicamente um pouquinho superior aos moradores da favela, teria mais direito a passar um bom Natal em casa e, como não se trata de clientes poderosos, no topo da escala social, não parece urgente resolver o seu problema. Um assunto que poderia ser resolvido em cinco minutos acaba caindo nas costas de uma única pessoa, o único de boa vontade. A falta de consideração dessa faixa da população que fica abaixo na pirâmide social é confirmada por dona Maria, que bem no início comenta com Silmar: “Desde ontem estamos nessa situação”, valorizando a hipótese de que, se provavelmente o mesmo acontecimento ocorresse em outra área nobre da cidade, não teria passado tanto tempo para o problema ser solucionado.

Passamos a outro elemento forte que poderia ser trabalhado a partir do filme: a dimensão individualismo VS coletivismo. Tanto a percentagem de Hofstede com relação a essa dimensão quanto as descrições de Lewis das culturas multiativas,<sup>2</sup> entre as quais ele coloca os brasileiros, concordam em definir esses últimos como um povo coletivista e orientado às pessoas. Isso significa que preferem vivenciar dinâmicas de grupo, raciocinam em termos de nós em vez de eu, não pensam só para si, e se preocupam em estabelecer relações e cultivá-las, o que fica resumido nas palavras de Hofstede:

“Collectivist societies people belong to “in groups” that take care of them in exchange for loyalty. Brazil has score 38 which means that in this country people from birth onwards are integrated into strong, cohesive groups (especially represented by the extended family; including uncles, aunts, grandparents and cousins) which continues protecting its member in exchange for loyalty”. (HOFSTEDE, do site do autor, sem referência de página).

Desde o início do filme essa tendência coletivista é bem evidente: uma das protagonistas na entrada do morro, passeando pela feira, conhece e cumprimenta todo mundo, o que muito provavelmente não aconteceria em uma cultura ativo-linear como a alemã. Isso demonstra que as pessoas, além de viver "debaixo do nariz umas das outras", convivem no sentido de compartilhar mais do que o espaço, mas também experiências e trocas solidárias. A comunidade, e particularmente os vizinhos da quadra 314, vivem coletivamente, o senhor Silmar antes de ir buscar gelo pede para a vizinha, dona Maria, se quer que o compre também para ela, recusando-se a receber o dinheiro de antemão: até as tarefas domésticas são compartilhadas a nível comunitário. O mesmo problema da falta de luz é vivido coletivamente, os moradores comentam juntos os fatos e juntos tentam achar soluções, como parar o carro dos primeiros técnicos que estão indo embora ameaçando-os para que mandem alguém para efetuar o conserto. O clã se auto defende e defende os próprios membros. A festa final vira um grande momento coletivo de todos os vizinhos, enquanto em culturas ativo-lineares é possível que as pessoas morem anos perto sem nem sequer saberem os nomes umas das outras.

---

<sup>2</sup> Lewis (2006) divide as culturas em três grupos principais, que têm muitas opções de nuances diferentes: os ativo-lineares, os multi-ativos e os reativos. Os ativo-lineares seriam representados por povos como os americanos (pragmáticos, *self-oriented*, poucos expressivos, diretos ao ponto etc.), os multi-ativos seriam representados por povos como os brasileiros (coletivistas, muitos expressivos, indiretos etc.), os reativos são povos como os chineses (coletivistas, cordiais, mas compostos nas expressões de afetividade, indiretos etc.).

Essa dimensão permite também enxergar bem o conceito de família alargada. No início do filme começam a chegar as pessoas na laje do senhor Silmar para festejar o Natal: primos, netos, sobrinhos, tios, amontoam-se na pequena laje da família anfitriã. Entende-se bem que no Brasil quando se fala em família não se trata, como nos países anglófonos, de família nuclear (pai, mãe e filhos), mas consideram-se todos os parentes próximos, alguns dos quais fazem parte da cotidianidade, às vezes até coabitam. Para um aprendiz de língua portuguesa-brasileira é fundamental lidar com esse traço cultural, pois uma atitude *self-oriented* não é bem vista no Brasil e pode deixar as pessoas pouco à vontade, determinando incompreensão cultural e isolamento dentro do grupo social. A ideia de família alargada e de coletivismo, assim como aparece no filme, faz refletir sobre outros fatores também.

Ao abordar os conceitos de *casa* e *rua*, o sociólogo Roberto Da Matta afirma que a casa é o lugar em que os membros de um grupo/clã se protegem reciprocamente, em oposição à violência da rua: o lar é sustentado pela reciprocidade, solidariedade, amor e afeto. Na rua, ao contrário, o que estabelece as relações é a lei da violência. O lugar da rua torna-se ambíguo nesse filme, porque a favela toda vira uma grande família, pelo menos os vizinhos da quadra interagem entre si como membros de um grande clã, e juntos unem-se contra a hostilidade da rua, que é representada pelos técnicos negligentes. No meio do filme, os moradores revoltam-se porque Lopes, o técnico do bem, não consegue solucionar o problema dizendo que precisaria de uma peça. A revolta transforma-se em um pequeno momento de tensão em que o que vale é a lei da rua, ou seja, a violência: os moradores começam a sacudir a escada, ameaçando-o física e verbalmente. Alguém fala: "se a gente meter a porrada nele, vai pegar rapidinho" ou, com os primeiros técnicos: "se tu não voltar nessa porra está fodido". Portanto, nesse contexto a rua engloba a casa, como pode acontecer em outras situações.<sup>3</sup> Um lugar normalmente dominado por impessoalidade e dinheiro, representado pelos trabalhadores da distribuidora, transforma-se, de repente de lugar público, e portanto violento (veja-se a reação dos moradores cansados), a lugar da interação carinhosa, esfera particular de um único clã que interage de forma solidária. Logo que a situação é resolvida, o técnico, que era o símbolo das leis da rua, da impessoalidade e do dinheiro, apesar de ser o único bem

---

<sup>3</sup> Vd. p. 37 MONTEIRO, Fátima M.F. *Rituais após a morte, aspectos culturais envolvendo Brasil*. Canadá, Noruega. Dissertação de mestrado. Orientadora: Rosa Marina de Brito Meyer. PUC-Rio, 2015.



disposto, acaba sendo englobado nas relações da casa. Ele é de fato rapidamente convidado a comer alguma coisa: “vamos lá em casa comer alguma coisa, assim tu não pode dizer que subiu o morro e saiu sem comer nada”, diz uma das mulheres poderosas do filme, enquanto um outro garoto que havia sido verbalmente agressivo se justifica dizendo: “desculpe eu ter falado desse jeito contigo”. Portanto, esse desfecho mostra que, dependendo da situação, as pessoas e os ambientes podem transitar de uma esfera para outra: o mesmo técnico faz algo de ilegal para a distribuidora, a fim de resolver um problema que parece insolúvel de outra forma, mas é interpretado por todos como uma maneira de dar um jeito. Nesse momento do desenrolar final vem à tona a desconstrução de um estereótipo, o da favela povoada por criminosos. Todos que haviam sido agressivos verbalmente pedem desculpas, mostrando que a situação de incerteza e de necessidade os havia feito adotar a linguagem da rua a fim de solucionar o problema.

O próprio Lopes (o técnico), ao se ver deixado sozinho na favela pelo colega, afirma: “amigo, você não entende, aqui é favela”, e no final não lhe acontecerá nada, muito pelo contrário: terminará festejando, comendo, dançando e beijando uma menina da comunidade.

Um outro ponto a ser enfatizado no filme é o estado de ansiedade em que se encontram os moradores ao ficar sem eletricidade inesperadamente às vésperas do Natal. Hofstede interpreta a reação às incertezas por meio da dimensão *uncertainty avoidance*, que no Brasil corresponde a 76%. Isso significa que os brasileiros têm uma baixa tolerância perante as situações de incerteza, quando não se sabe o que vai acontecer a curto prazo. Não conseguem lidar com isso, muito provavelmente devido à diferença das culturas ativo-lineares, sendo um pouco menos pragmáticos. Contra essa baixa capacidade de lidar com a incerteza, Hofstede coloca a exigência da existência de leis e burocracia que protejam os cidadãos nos seus direitos fundamentais.

Essa percentagem é confirmada pela atitude de desespero dos moradores da comunidade na incerteza daquilo que aconteceria com a festa de Natal, visto que a falta de luz repentinamente alterara todo o planejado. As mulheres, por exemplo, ficam visivelmente agitadas diante da impossibilidade de saber se conseguirão ajeitar o cabelo. Todavia, essa percentagem não parece ser sempre convalidada pelas situações de vida, pois em alguns contextos a incerteza quase vira uma situação

cômoda para não ter obrigações que imponham restrições, como por exemplo a forma de vivenciar o tempo e a tolerância que se tem com relação aos atrasos.

Portanto, dir-se-ia que o filme permite realçar a incapacidade de lidar com situações inesperadas de uma certa ordem (logísticas, profissionais etc.). Nesse ponto a percentagem de Hofstede funciona, mas é diferente se essa última for aplicada à forma de perceber o tempo, como a flexibilidade com horários fixos e a tendência em mudar os planos em cima da hora (características dos povos multi-ativos, Lewis, 2006). Aliás, se por um lado é verdade que situações inesperadas geram pânico, os brasileiros culturalmente, depois de um primeiro choque, também apresentam uma tendência a levar as coisas com jeito, como o mesmo Silmar comprova depois de uma queixa da dona Maria sobre a falta de luz: "mas vai melhorar, Maria". Então dir-se-ia também que existe uma certa capacidade de encarar a incerteza, o famoso jogo de cintura, que todo o estrangeiro tem que aprender morando no Brasil.

Segundo o teórico holandês, para sobreviver a um mundo dominado pela incerteza os brasileiros:

“need to have good and relaxing moments in their everyday life, chatting with colleagues, enjoying a long meal or dancing with guests and friends. Due to their high score in this dimension Brazilian are very passionate and demonstrative people: emotions are easily shown in their body language.” (Hofstede, do site do autor, sem numeração de páginas).

Não se consegue afirmar com certeza se essa atitude está realmente ligada a uma forma de sobrevivência às incertezas proporcionadas pelo mundo, ou se trata-se mais de uma característica dos povos latinos que têm recursos de linguagem não verbal fundamentais para se expressar. Eles, nesse sentido, apresentariam uma bolha espacial mais reduzida com relação ao toque e à linguagem não-verbal (BENNET, 1998), além de gostarem de se expressar, de escutar e de ser escutados (LEWIS, 2006).

Logo depois da resolução do problema, uma das moradoras fala para o técnico: "vem cá, me dá um abraço", demonstrando assim o que foi dito anteriormente: na cultura brasileira, o corpo e a gestualidade entram plenamente na comunicação e é fundamental que os aprendizes de português brasileiro estejam conscientes disso. Seria preciso, além das expressões corporais e não verbais, fazer os alunos refletirem também sobre todas aquelas expressões verbais usadas ao longo do filme, cujo sentido não é literal, mas sim contextual, como uma moça dizendo "Cadê a safada da Debora?" ou "tá aqui, pretinho". Essas expressões têm significado

específico em línguas de alto contexto, em que não vale só o dito, mas todas as camadas de significados culturais e contextuais que nelas se escrevem. É claro que safada nesse contexto não é ofensivo, assim como pretinho é uma forma carinhosa de chamar alguém.

Ao viver oscilando entre as incertezas e uma selva de regras, que de fato na maioria das vezes não tutelam o cidadão, os brasileiros são obrigados a lidar com tudo isso, achando no jeitinho uma forma de sobrevivência. O jeitinho como forma de obter o necessário perante uma lei opressora e problemática, transversal a todas as classes sociais (BARBOSA, 2006), é bem visível quando uma moradora traz café para o técnico e anuncia a chegada de uma rabanada. O que a menina da comunidade está fazendo é, através de um recurso social consolidado, obter aquilo que a lei formal não consegue lhe garantir: o conserto da eletricidade. Portanto, seria bom implementar o ponto da teoria de Hofstede no que consta à dimensão da capacidade de lidar com a incerteza: de fato, por mais que essa capacidade seja baixa no Brasil, existem recursos sociais do verbal, não verbal e cultural, tais como o jeitinho, que possibilitam outras forma de sobrevivência onde não há nenhum ponto de referência firme.

Em última análise, seria necessário salientar a capacidade dos brasileiros de darem vazão às suas próprias emoções e desejos. Esse traço alcança, segundo Hofstede, uma percentagem de 59%. Por *indulgence* entende-se “a extensão pela qual as pessoas tentam controlar os desejos e os impulsos, quando esse controle é fraco, o percentual de indulgência será proporcionalmente mais alto” (tradução minha, do site do autor sem numeração de página). Essa capacidade de dar espaço aos próprios desejos não só aparece desde o início com a evidente paixão do casal composto pelo senhor Silmar e a mulher se beijando também em situações menos esperadas, mas sobretudo na cena final em que o técnico e uma das moradoras se abraçam e se beijam dançando, apesar de se conhecerem faz pouco tempo. A cena final em que dois quase desconhecidos se abraçam e se beijam curtindo a farra improvisada na pracinha da favela, onde cada família traz a comida que preparou para compartilhá-la, realmente pode ser estranha a uma pessoa que vem de contextos culturais menos indulgentes e mais fechados. Se as pessoas nem se tocam enquanto falam, o beijo sem se conhecer tão bem também não é muito usual. Talvez no filme esse ponto esteja um pouco carregado, mas serve como início de uma reflexão para discutir a forma de vivenciar as emoções segundo a ideia de indulgência de Hofstede.

Essas reflexões levam-nos a algumas conclusões que um professor de PL2E não deveria deixar de considerar:

- A seleção dos materiais para aprendizes de português como língua estrangeira é fundamental. Na seleção é preciso levar em conta autenticidade, aspectos interacionais e aspectos culturais que podem ser realçados, além das questões formais;
- Um estrangeiro que vem para o Brasil pode viver várias situações de estranhamento ou choque cultural devido a uma interpretação errônea de falas e atitudes, por falta de uma competência cultural, além de adotar comportamentos culturais inadequados às situações, impedindo uma correta interação;
- Para um professor de português como língua estrangeira é fundamental estudar as teorias culturais, pois estas podem fornecer uma bússola de entendimento e interpretação que permita dar o enfoque necessário aos aspectos mais importantes no âmbito de uma didática intercultural. O perigo de não usar e não se atualizar sobre uma literatura dos estudos culturais e interculturais é cair na ênfase dos estereótipos que estigmatizam as culturas e, por isso mesmo, não favorecem a interação intercultural.

Essa proposta de análise da quinta parte do filme “5 X favela - Agora por nós mesmos”, revela-se portanto uma base sobre a qual se poderiam montar um atividades didáticas de forma a abordar a obra de completa e abrangente, no que tange aos aspectos linguísticos e enunciativos, mas com foco especial na reflexão cultural.

### **Referências bibliográficas:**

BENNET, Milton J.. *Intercultural Communication: A current perspective*. In Basic concepts of intercultural communications: selected Reading. Yarmouth, ME, intercultural Press, 1998.

BARBOSA, Livia. *O jeitinho Brasileiro – A arte de ser mais igual do que os outros*. Campinas: Ed. Campus, 2006. Caps. 2, 3, 4, 8, e 9.

HOFSTEDE, Geert. “Dimensionalizing Cultures: the Hofstede Model in Context.” In: *Online Readings in Psychology and Culture*. Article 8. 2011, pp. 1-26.

LEWIS, D. Richard. *When culture collides: leading across culture*. Boston, Nicholas Brealey International, 2006.

MEYER, Rosa Marina de Brito. “Para o bem ou para o mal: a construção de identidade pelo falante de PL2E a partir de estereótipos de brasilidade – uma questão intercultural”. In \_\_\_\_\_ e ALBUQUERQUE, A. (orgs.) *Português para estrangeiros: questões interculturais*. Rio de Janeiro: Editora PUC- Rio, 2013, pp. 13-34.

PETERSON, Brooks. *Cultural INTELLIGENCE*. Boston: Intercultural Press, 2004.

**Website:**

Último acesso em 24.11.2017 às 14:16

<https://geert-hofstede.com>

**Filmografia:**

<b>Título original</b>	5X favela - Agora por nós mesmos
<b>Gênero</b>	Drama
<b>Ano</b>	2010
<b>País de origem</b>	Brasil
<b>Distribuidora</b>	Sony/Riofilme
<b>Duração</b>	103 min.
<b>Cor</b>	Colorido
<b>Diretor</b>	Luciana Bezerra, Cacau Amaral, Rodrigo Felha, Wavá Novais, Manaíra
<b>Elenco</b>	Marcio Vito, Gregório Duvivier, Hugo Carvana, Silvio Guindane